



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

HEBERT LUCAS BORGES DA ROCHA

Letalidade policial: a morte como política de Estado

MACEIÓ

2021

HEBERT LUCAS BORGES DA ROCHA

Letalidade policial: a morte como política de Estado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Alagoas como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Waldson de Souza Costa

MACEIÓ

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R6721 Rocha, Hebert Lucas Borges da.
Letalidade policial : a morte como política de Estado / Hebert Lucas Borges da Rocha. – 2021.
29 f.

Orientador: Waldson de Souza Costa.
Graduação (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 29.

1. Reportagem - Multimídia. 2. Jornalismo *on-line*. 3. Letalidade policial - Alagoas. I. Título.

CDU: 070:77.044(813.5)

HEBERT LUCAS BORGES DA ROCHA

Letalidade policial: a morte como política de Estado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Prof. Me. Waldson de Souza Costa (Orientador)

Banca Examinadora:

Prof. Me. Waldson de Souza Costa (Examinador Interno)

Profª. Dra. Magnólia Rejane Andrade dos Santos (Examinador Interno)

Carlos Nealdo dos Santos (Examinador Externo)

A Deus, que é criador, redentor e mantenedor de tudo e todos; a minha avó Maria Ducéu (in memoriam) que me amou sem limites; aos meu pais, que dedicam a vida a mim e ao meu irmão; à minha família, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

Eu poderia escrever um livro de agradecimentos, afinal, são tantos motivos. Aqui começo agradecendo a Deus, pela minha vida e pela misericórdia com alguém tão indigno. Agradeço a minha mãe que é o ser humano mais forte e batalhador que conheço. Estendo esse agradecimento à minha família, que é a melhor que eu poderia ter. Aos meus amigos, que não são muitos, mas são os mais leais. Ao meu orientador, por me aceitar, entender e ser tão compreensivo, inteligente e disposto a ajudar. Aos colegas de profissão, em especial Carlos Nealdo, que me ensinou quase tudo que sei de jornalismo, e Regina Carvalho, que me ensinou com seu exemplo a amar e cumprir essa missão que é o jornalismo.

RESUMO

Este trabalho é uma reportagem multimídia feita para e com as peculiaridades do ambiente digital e tem como tema a letalidade policial em Alagoas entre os anos de 2015 a 2018. Ela está apoiada nos critérios de noticiabilidade, e é resultado de um processo de ampla apuração e entrevistas. O período escolhido engloba todo o primeiro mandato de um novo governo estadual que teve a gestão marcada pelo combate à violência. A reportagem mostra que, enquanto os homicídios reduziram as mortes causadas por agentes de Segurança do Estado aumentaram. Os dados trazem a comprovação técnica e oficial do fenômeno, que é narrado através das histórias de quem faz parte desses dados. A reportagem traz também uma entrevista que busca oferecer ao leitor ainda mais elementos para compreensão do tema, o que é característico de reportagens especiais.

PALAVRAS CHAVE: reportagem multimídia, webjornalismo, letalidade policial, Alagoas.

ABSTRACT

This work is a multimedia report made for and with the peculiarities of the digital environment and has the theme of police lethality in Alagoas between the years 2015 to 2018. It is supported by the criteria of news, and is the result of a process of extensive investigation and interviews. The chosen period encompasses the entire first term of office of a new state government whose management was marked by the fight against violence. The report shows that while homicides have decreased, deaths caused by State Security agents have increased. The data provide technical and official proof of the phenomenon, which is narrated through the stories of those who are part of this data. The report also includes an interview that seeks to offer the reader even more elements to understand the theme, which is characteristic of special reports.

KEY WORDS: multimedia reporting, webjournalism, police lethality, Alagoas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. OBJETIVOS	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1 Webjornalismo.....	13
3.2 Jornalismo Policial	15
4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS METEDOLÓGICOS	18
4.1 Ideia e desenvolvimento do tema	18
5. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO	21
5.1 Construção de reportagem	21
5.1.1 Dados	21
5.1.2 As histórias	22
5.1.3 Entrevistas com especialista e fontes oficiais.....	24
5.2 Construção do hotsite.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1. INTRODUÇÃO

Experiências pessoais nos fazem enxergar as coisas com outros olhos. Com a escolha desse tema não foi diferente. Enquanto estagiava descobri na editoria de Polícia o meu lugar no jornalismo. O misto de sensações, a utopia de fazer justiça, tudo era instigante. Até que certo dia uma das vítimas da violência que alimenta essa engrenagem era da minha família. Diferente do que acontece na maioria das vezes, quando as matérias jornalísticas são reproduções dos boletins policiais, aquele corpo era de alguém que eu conhecia, sabia seu nome, sua história. Eis o estalo para escrever sobre Jornalismo Policial.

Enxergando de outra forma, todos os corpos agora não eram mais corpos apenas. Foi a partir daí que comecei a enxergar semelhanças em vários assassinatos em Maceió. Eis outro estalo: essas pessoas estão sendo assassinadas por “profissionais”, estão sendo “varridas”. Surgiu dessa inquietude o ímpeto de escrever sobre letalidade policial. A morte de meu familiar nunca foi esclarecida, mas me fez despertar para esse tema.

A história de Alagoas está marcada por grupos paramilitares que usavam do poder e dos recursos que possuíam para matar pessoas, na maioria das vezes, sobre o pretexto de que seria melhor que elas de fato morressem. Alguns exemplos são a “Gangue Fardada”, que agiu nos anos 90 sob a liderança do tenente-coronel Manoel Francisco Cavalcante, da Polícia Militar de Alagoas (PM/AL), e os “Ninjas”, grupo de extermínio formado por policiais militares também da PM/AL que agiu nos anos 2000 em União dos Palmares, Zona da Mata alagoana.

A janela temporal escolhida para ser analisada nesse trabalho (2015-2018) é marcada pelo início de uma nova gestão no executivo estadual de Alagoas. Uma das promessas de campanha era o enfrentamento ao crime, tendo em vista que os anos anteriores foram marcados por crises de violência que elevaram Alagoas ao posto de Estado mais violento do Brasil e Maceió a 3ª cidade mais violenta do mundo. O escolhido para gerir a pasta da Segurança Pública foi, o então promotor de Justiça à época, Alfredo Gaspar de Mendonça, que ficou conhecido por ser “linha dura”, segundo o jargão usado para se referir a pessoas menos tolerantes e dadas a punições severas. Na condução da Segurança de Alagoas ele defendeu o enfrentamento entre policiais e bandidos.

Nesses quatro anos o estado de Alagoas conseguiu reduzir os índices de homicídios. Em contrapartida, no mesmo período, a letalidade da polícia cresceu. Nessa mesma janela temporal, a Polícia Militar de Alagoas (PM/AL) enfrenta denúncias de que integrantes da corporação formam um grupo de extermínio.

Este conjunto de fatos e dados levanta o debate acerca de temas tão sensíveis e poucos discutidos pela sociedade, como: qual o limite no combate a violência? O que produz e legitima

o pensamento de que há pessoas que, de fato, merecem morrer e quem as aniquila faz bem e não mal?

A motivação e autoria das mortes por intervenção policial, na maioria das vezes, não é abordada de forma adequada pelos jornalistas, que ignoram sua função social e a premissa básica do exercício da função: duvidar e questionar. Este trabalho é nada mais, portanto, que a exposição de dúvidas e questionamentos sinceros e pertinentes acerca do que não pode parecer normal e inquestionável.

O produto escolhido para desenvolver a pauta foi a reportagem multimídia em hotsite. A escolha se deu devido a oportunidade que esta ferramenta oferece para explorar diversos recursos que permitem ao leitor uma melhor compreensão do tema. Tomo como premissa a definição dada por Raquel Ritter Longhi para os formatos noticiosos hipermediáticos, como os slideshow, precursores desse tipo de jornalismo ainda no começo dos anos 2000; as especiais multimídias, que ganharam espaço entre 2002 e 2011 e as grandes reportagens multimídia, que ganham espaço a partir de 2012.

Definimos tais produtos como formatos noticiosos hiper midiáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimidialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação. São exemplos: áudio-slideshows, picture stories, infografia online (interactive graphics), especiais multimídia (multimedia features) e, mais recentemente, a grande reportagem multimídia. (LONGHI. 2014)

A reportagem feita para desenvolver o tema escolhido pode ser considerada longform, que nada mais é do que um termo da língua inglesa usado para definir o tratamento mais longo e aprofundado de um tema, que é o que se pretende aqui. Do ponto de vista da comunicação, longform foi conceituado como “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo” (FISCHER, 2013 apud LONGHI; WINQUES, 2015, p. 02) (Tradução livre).

Portanto, a reportagem multimídia em hotsite foi escolhida por carregar, e com razão, a fama entre os leitores e definição entre estudiosos, de material elaborado e de conquistar o leitor pela riqueza de elementos. Este formato já é amplamente difundido entre os grandes portais de abrangência nacional, como o UOL, que tem o TAB UOL.

Do ponto de vista do jornalismo local, considero esse formato importante para esse ecossistema da notícia, tendo em vista que ele oferece a possibilidade do conteúdo local aprofundar os assuntos tratados no dia a dia. No webjornalismo em Alagoas, assim como em

nível nacional, a produção de reportagem multimídia tem sido reservada para temas mais “frios”, que é como são chamados no jornalismo os assuntos que não são factuais, que não precisam ser publicados quando acontecem porque são atemporais. Isso porque a busca pela publicação da notícia em tempo real, uma das características do webjornalismo, pode fazer com que temas importantes sejam relegados à superficialidade, no ímpeto de logo noticiá-lo.

A peça jornalística desta reportagem multimídia é, portanto, o cotidiano sob um olhar mais aprofundado, que enxerga o fato como peça de um grande quebra cabeça de realidades. Acredito que quem não questiona se contenta com o que está posto. E por oposição a isso, este trabalho questiona, expõe e compartilha os questionamentos sobre a letalidade policial crescente em Alagoas. Em tempos tristes de jornalismo policial muitas vezes complacente com os equívocos do senso comum, a troco de audiência e escanteio da função social, esta reportagem multimídia busca retomar pilares deste segmento jornalístico, como a investigação.

2. OBJETIVOS

Geral: Produzir reportagem multimídia em hotsite sobre letalidade policial usando dados, contando casos e fazendo análise do fenômeno com especialistas.

Específicos: Unir o Jornalismo de dados com um Jornalismo reportagem. Para isso, contar histórias de pessoas que fazem parte dos dados analisados. Sensibilizar o leitor e gerar pensamento crítico acerca de um assunto.

Informar as pessoas sobre o assunto por meio da divulgação de dados e das histórias contadas pelo lado de quem perdeu um parente. Por fim, mas não menos importante, o objetivo é também provocar o debate acerca do tema, através da análise de um especialista e das respostas do órgão oficial.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O gênero jornalístico escolhido para desenvolver o tema deste trabalho é a reportagem. Os teóricos costumam conceituá-la como um trabalho que vai além da notícia. Isso porque a notícia está ancorada no fato, é a exposição do acontecimento, do factual, é o primeiro produto do jornalismo. A reportagem é a notícia ampliada, analisada, aprofundada.

A base da notícia é o fato e a base da reportagem é o acontecimento, que permite a esta um maior aprofundamento da realidade em oposição à fragmentação típica da notícia, por isso que em reportagens geralmente há, além do texto principal, infográficos, imagens, box e cronologia dos fatos. (OLIVEIRA, SEIXAS, 2011, p. 03)

No caso do tema tratado na reportagem deste trabalho fica claro que cada história contada é uma notícia, os próprios números isolados também o são. Tudo isso se tornou uma reportagem quando foram unidos por fazerem parte de um tema mais abrangente, por fazerem parte de um acontecimento, que foi o aumento da letalidade policial no período abordado. Por fim, outra característica de reportagem trazida no trabalho são as entrevistas com o especialista e com o órgão público, além dos elementos multimídia.

3.1 Webjornalismo

O jornalismo no ambiente online se inicia com a mera reprodução de matérias dos jornais impressos. Esse processo mundial foi replicado no Brasil e em Alagoas. Todavia, uma soma de fatores, como o avanço da tecnologia, de forma geral, a ampliação do acesso à internet e popularização dos computadores, fez com que o ambiente online despertasse mais interesse no mercado de comunicação. Fazendo surgir o ambiente do webjornalismo. Isso porque, a popularização dos computadores fez aumentar o público consumidor de jornalismo online, o que impulsionou a demanda por um produto nativo daquele ambiente e não algo somente transportado para lá, como era feito. Os avanços tecnológicos criaram ferramentas próprias deste ambiente, inclusive mais vantajoso financeiramente para empresários da comunicação, que agora não teriam mais gastos com papel, por exemplo.

Debruço-me aqui na definição de webjornalismo adotada por Canavilhas (2003), que entende que o fazer jornalístico está ligado a plataforma usada para tal, e por isso o webjornalismo é o jornalismo realizado através da World Wide Web. “De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias.” (MURAD, apud CANAVILHAS, 2003, p. 2)

A escritora e pesquisadora Pollyana Ferrari também é muito assertiva em ponderar que “o jornalismo digital não pode ser definido apenas como o trabalho de produzir ou colocar reportagens na Internet” (FERRARI, 2002, p. 45). Sendo assim, as potencialidades apresentadas pelas plataformas tecnológicas aprimoram a cada dia o fazer jornalístico. Nesse ambiente, a notícia é mostrada com mais elementos que possibilitam a compreensão dela.

Estes elementos levam o jornalismo a um patamar mais elevado, tendo em vista que eles são capazes não só de ilustrar a narrativa, mas também provar o que está dito, reforçar uma tese através de elementos de interatividade onde o leitor pode simular situações colocadas no texto e expandir a compreensão acerca de determinado tema, pois, a depender do mecanismo, o leitor também vai para um patamar mais elevado, onde ele próprio pode apurar informações e não só consumir.

Os elementos que compõem o conteúdo on-line vão muito além dos tradicionalmente utilizados na cobertura impressa – textos, fotos e gráficos. Pode se adicionar sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. Até mesmo o texto deixou de ser definitivo – um e-mail com comentários sobre determinada matéria pode trazer novas informações ou um novo ponto de vista, tornando-se, assim, parte da cobertura jornalística. (FERRARI, 2002, p. 39)

Como diz a autora na citação acima, no webjornalismo o texto deixa de ser um produto definitivo, uma verdade absoluta que está ali para ser aceita, consumida. Nesta modalidade de jornalismo o texto é não só informação, mas o gatilho para o que vem após o consumo desta informação. Como dito anteriormente, tanto o produto quanto o consumidor estão em outro patamar na plataforma web. O resultado disso é uma experiência muito mais rica, tanto para o profissional quanto para o leitor. Sobre isso, Canavilhas acrescenta ponderando que o avanço da sociedade e das tecnologias faz com que a ligação entre jornalista e leitor seja muito maior e isso significa que a notícia não é o fim, mas o início de um debate acerca de um tema, com ampla participação do leitor, que encontra nas ferramentas do webjornalismo as possibilidades para tal ato.

No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como o “tiro de partida” para uma discussão com os leitores. Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores. (CANAVILHAS, 2003, p. 02-03)

Sobre o leitor que consome o produto de web, Pollyana Ferrari também pontua que ele está mais disposto a consumir o material tendo em vista que ele próprio clicou no que lhe despertou interesse. No produto em questão deste relatório, um menu separa todas as partes da reportagem para dar liberdade de escolha ao leitor, que pode ir direto para o que lhe desperta mais interesse. O que, segundo Ferrari, torna a leitura mais fiel.

Isso ocorre porque o leitor impresso não realiza nenhuma tarefa para chegar até o final da reportagem, enquanto o leitor online precisa clicar e escolher o que quer ler. Está realmente interessado pelo assunto, enquanto o leitor de jornal lê o título, a linha fina, o lead e, na maioria das vezes, já é fisgado por outro título na mesma página, abandonando a reportagem sem a menor dor na consciência. (FERRARI, 2002, p. 51)

Outro ponto bastante importante a ser discutido no webjornalismo é o texto. Ele é diferente dos textos usados em outras plataformas. A presença dos elementos de interatividade anula a necessidade de um texto extremamente descritivo, tendo em vista que ele pode ficar sendo redundante com algo que já está claro em um vídeo, ou infográfico.

O texto on-line deve estar numa linha entre o jornalismo impresso e o eletrônico. É mais conciso e multimídia do que o texto impresso, porém mais literal e detalhado do que o de TV, por exemplo. “Um bom texto de mídia eletrônica usa sentenças concisas, simples e declarativas, que se atêm a apenas uma idéia. Evitam-se longos períodos e frases na voz passiva”. (FERRARI, 2002, p. 49)

No webjornalismo, não só o texto ou a plataforma são diferentes das outras modalidades de jornalismo, mas a atuação do repórter também é diferente. No caso do repórter que atua com webjornalismo, é alguém que entende as possibilidades que a plataforma oferece e elementos que podem tornar a experiência de leitura única.

Os repórteres de mídias impressas, por exemplo, privilegiam a informação: os de TV buscam cenas emocionantes, sons e imagens para serem transmitidos junto com o texto da notícia. Já os jornalistas on-line precisam sempre pensar em elementos diferentes e em como eles podem ser complementados. Isto é, procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante. (FERRARI, 2002, p.48).

3.2 Jornalismo Policial

O gênero jornalístico trabalhado na reportagem multimídia de que trata esse relatório é o Jornalismo Policial. Cabe a este gênero o relato cotidiano de crimes, investigações, da violência, de forma geral.

É bem verdade que ao longo dos anos esse gênero ficou marcado pela exploração sensacionalista da violência. Na televisão, os programas que exploram essa temática são, muitas vezes, fenômenos de audiência. Todavia, o jornalismo policial praticado na maioria dos casos é uma reprodução do relato oficial, é a transmutação da ocorrência policial para as plataformas jornalísticas.

É comum encontrar repórteres dos mais variados tipos de veículos de comunicação nas portas de delegacias, à espera da chegada de mais uma viatura com um preso. Porém, na maioria dos casos, não há uma análise do fenômeno exposto. Nesse sentido, me identifico e me norteio pelo pensamento de Alex Rômulo Pacheco, que chama o jornalista a um dever social que independe das amarras impostas pelas questões comerciais. Sobre isso, Pacheco diz:

As cenas que mancham de sangue a televisão, as fotos em jornais e revistas, e a narração de episódios chocantes pelo rádio são estratégias para causar impacto e chamar a atenção para o fato que está ocorrendo, isso tudo, sem buscar as soluções para os problemas, que é o mais importante, pensando-se na ação social dos meios de comunicação, que deveriam estar comprometidos com o desenvolvimento da sociedade e o fortalecimento da cidadania. (PACHECO, 2005, p.2)

Ainda no campo do papel social, e aqui acredito que isso vale para o jornalismo como um todo, não só para o jornalismo policial, Pacheco continua seu pensamento dissertando sobre como a mídia tem papel fundamental na sociedade e na construção do pensamento sobre os mais variados assuntos. E concordo com ele que, por isso, cabe-nos, enquanto operadores do jornalismo, o papel de fomentar debates sobre os problemas que assolam a vida em comunidade ao invés de apenas mostrar o problema:

Os meios de comunicação são considerados peças fundamentais para a educação, cultura e desenvolvimento dos cidadãos, para que possam compreender o mundo de forma mais humana. A necessidade da notícia para sobreviver no século XXI é apenas um dos requisitos básicos para a sociedade moderna, pois conhecer tudo o que acontece e que pode influenciar na sua vida é essencial numa época em que o mundo globalizado mostra-se cada vez mais exigente. Esclarecer a opinião pública e transformar os veículos de comunicação em mediadores sociais é um desafio que deve ser vencido todos os dias para quem trabalha na área. (PACHECO, 2005, p.3)

Para o Jornalismo Policial, especialmente, julgo de muita valia este pensamento específico de Pacheco. Isso porque, pensando pela ótica de que, de forma geral, o jornalismo policial é onde são tratadas as matérias ligadas a crimes, violência, a tragédia como um todo, cabe ao jornalismo não só informar o acontecimento delas, mas fomentar o debate acerca de causas, consequências, como evitar, ou ao menos, fomentar que os consumidores da informação levantem questões sobre do assunto e não o tratem como um produto final. Até porque, se assim fosse, o jornalismo seria, de certa forma, ditatorial, ao entregar algo que não caberia questionamentos.

Portanto, somente a mera reprodução de fatos, especialmente os tratados pelo jornalismo policial, pouco contribui para entender a razão deles e como evitá-los. Quando várias mortes são registradas em um mesmo bairro, por exemplo, pode ser o reflexo de uma série de coisas que não estão expostas, geralmente, na matéria feita acerca de um único homicídio.

4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS-METODOLÓGICOS

4.1 Ideia e desenvolvimento do tema

A decisão de falar sobre letalidade policial em Alagoas no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu em 2018, após muito pensar sobre a morte de um primo, em agosto de 2017. Eu lembro bem do dia em que ele foi assassinado. Era uma quarta-feira, dia 16, eu estava na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) na aula de gêneros radiofônicos, ministrada pela professora Rachel Fiuza. No meio da aula minha mãe enviou um áudio sucinto dizendo: “mataram o Luan”. Saí da Ufal, fui para casa e me inteirei do assunto.

Somente dias depois começamos a pensar sobre o motivo que levaria alguém a tomar uma atitude tão brutal. Luan, que é Luan Silva dos Santos, tinha 20 anos. Segundo testemunhas, três homens desceram de um carro modelo Onix, de cor branca, entraram na vila de casas onde ele estava, na Rua São José, no Barro Duro, e quando o encontraram perguntaram se a moto que estava na porta, era dele. Luan respondeu que sim. Então, neste momento, segundo a namorada que estava com ele, tendo em vista que eles estavam na casa dela, contou que os homens o chamaram pra fora, o mandaram ajoelhar, e dispararam quatro vezes na cabeça dele. Um dos tiros acertou a região entre as sobrancelhas. Os homens fugiram sem que ninguém conseguisse anotar a placa do carro.

As circunstâncias do assassinato despertaram na família a crença de que ele tinha sido morto por “profissionais”. O histórico recente dele, que havia sido preso por roubo, nos fez pensar que se tratava de uma “limpeza social”. A moto a qual os bandidos perguntaram antes de matá-lo fora utilizada por Luan para o cometimento de assaltos, e talvez tenha sido ela o objeto de identificação do alvo para aqueles profissionais. No entanto, as investigações do crime não chegaram a uma conclusão. Ninguém foi preso. Os autores ou o motivo do crime nunca foram descobertos.

Contudo, aquela situação me fez refletir. Passei a pesquisar sobre mortes parecidas com a do meu primo e vi que o que aconteceu com ele era mais comum do que eu imaginava. Em outras situações, tal qual a de uma das histórias que conto na reportagem, as pessoas se apresentavam como policiais e, em algumas delas, de fato eram, até porque realizaram as abordagens durante o trabalho, fardados e em viaturas do Estado. Mesmo que os autores ou motivos da morte de Luan nunca tenham sido descobertos, eu tinha descoberto uma realidade terrível e decidi abordá-la.

As descobertas me fizeram pensar muito. Seja de forma mais ampla, como cidadão, como também de forma mais específica, como jornalista. Como cidadão, ao ver o fato acontecer

no meu ambiente familiar, eu pensava sobre como alguém pode se achar senhor da vida e morte do outro. Pensava sobre como um ser humano decidia matar outro e ainda pensava que estava fazendo bem e não mal. É assustador saber que a morte para alguns é uma opção para resolução de problemas. E não é a própria morte, como pensam os suicidas, mas a morte do outro, como pensam os homicidas.

Como jornalista, o contato tão direto com esta temática fez eu me sentir omissos. Ter visto tantas situações semelhantes e nunca ter atinado como atinei quando aconteceu comigo, me fez ver como fui egoísta. Passado esse momento de autocrítica, pensei como devemos, enquanto profissionais, estar sempre atento aos nossos deveres, aos juramentos que fazemos. Se perdermos esse olhar sensível corremos o risco de jogar nossa profissão em um trabalho mecânico. A partir desse ponto de partida comecei a estudar o tema.

Foi estudando letalidade policial que vi como é importante discutir jornalismo policial, e como nossa profissão tem impacto na sociedade. Tudo isso me parecia ainda mais latente no cenário alagoano. Como já demonstrado ao longo desse trabalho, o Estado possui uma história não muito distante em que grupos de extermínio atuavam, e um dos pilares da existência desses grupos era resultante do medo de diversos atores afetados por este problema. Medo das famílias das vítimas, medo da imprensa em denunciar. É o medo da morte, medo de ser a próxima vítima, que paralisa.

O período escolhido para análise nesse trabalho é importante, pois marca o início de uma nova gestão no governo do Estado. O cenário posto era de um Estado que ocupava a liderança nos rankings de violência, e o novo governo prometia mudar tudo aquilo com uma política de Segurança dita mais rígida.

Tal política foi colocada em prática pelo secretário de Estado da Segurança Pública, Alfredo Gaspar de Mendonça, que foi nomeado pelo governador Renan Filho (MDB) justamente para ter esse tipo de postura mais rígida, que ele já adotava desde o Ministério Público do Estado.

O pacote “linha dura” na Segurança Pública incluía “carta branca”, termo usado para se referir a quem tem liberdade irrestrita para fazer algo, para os agentes de Estado. Foi a partir deste momento que as mortes por intervenção policial aumentaram. Os confrontos se tornaram mais cotidianos, conforme mostro nos dados mais à frente, sempre com declarações de apoio dos gestores. Foi a junção destes fatos, pessoais e coletivos, que me fizeram escolher tratar deste tema.

Passado esse ponto de partida que me fez definir o tema, passei a pensar em como estruturar o assunto e tratar ele. Foi então que pensei em colocar em prática algo que julgo uma

boa experiência jornalística: a junção de dados, histórias e análises. Essa tríade, a meu ver, cumpre um papel muito importante na compreensão de qualquer tema. Digo isso porque, os dados trazem a exatidão para o tema, o aspecto técnico, afasta o achismo. As histórias por sua vez humanizam os dados. Sem que os números tenham rostos, histórias, eles findam sendo somente números, e isso não toca o leitor, não o faz pensar coisas como: e se fosse eu? se fosse na minha família? Por fim, a entrevista com um especialista cumpre o papel de analisar o assunto. A entrevista é importante porque fecha o assunto fazendo com que os leitores reflitam acerca do tema e não somente se informem.

5. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DO TRABALHO

5.1 Construção da reportagem

O processo jornalístico deste trabalho seguiu três frentes: o levantamento e tratamento dos dados, a escolha das histórias e a entrevista com o especialista e a Secretaria de Estado da Segurança Pública. A partir daqui passo a explicar como foi cada etapa da construção dessa reportagem.

5.1.1 Dados

Os dados que estão na reportagem foram colhidos nos anuários de Segurança Pública elaborados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Coletei os números anuais de homicídios em Alagoas de 2015 até 2018, dentro desses números estão os homicídios causados por intervenção policial, que são o foco da matéria. Acessei os dados no portal da entidade na internet. Os números foram repassados pela própria Secretaria de Segurança Pública de Alagoas (SSP-AL) para a entidade. De posse dos dados, decidi usá-los no site em formato colunas. Escolhi esse formato porque permite ao leitor uma visualização melhor para reforçar a notícia da reportagem.

Fiz o gráfico em colunas usando o site infogram.com, que é uma ferramenta gratuita para criação de infográficos. Cada coluna é referente a um ano analisado e o tamanho dela é proporcional ao número de homicídios daquele ano. Essas colunas estão na cor vermelha. Dentro destas colunas vermelhas coloquei colunas pretas, que são os números de mortes por intervenção policial naquele ano. Fiz dessa forma para que o leitor pudesse ver a evolução de cada fenômeno.

5.1.2 As histórias

A escolha das histórias começou logo que decidi pelo tema. Nesse período eu estava estagiando no jornal Gazeta de Alagoas. Cada uma delas tem uma ligação com essa fase da minha vida e foi após conhecê-las que decidi abordar esse tema no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A história dos irmãos Aleixo, que é a primeira a ser contada na reportagem, eu conheci por meio do Cláudio, que é tio das vítimas, ele trabalhava na mesma empresa que eu. No período em que estagiava, eu cobri, como estagiário, uma das audiências do caso, em novembro de 2018. Foi lá que conversei com o Cláudio e realizei a principal entrevista para essa reportagem. Enquanto ele me situava da história eu anotava tudo. A partir daí passei a acompanhar o caso, e além da entrevista que eu fiz presencialmente naquele com o Cláudio, eu usei documentos que estão anexados ao processo judicial que trata do caso. Consegui acesso a esses documentos por meio dos sistemas oficiais de consulta processual do Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ/AL) e do Ministério Público de Alagoas.

A segunda história que conto na reportagem, que é de Humberto Thiago, eu também escolhi após uma pauta no estágio. As entrevistas que realizei foram feitas pessoalmente, ouvi familiares da vítima durante interrogatórios e visitas que eles fizeram aos órgãos públicos para denunciar a situação. Uma dificuldade que encontrei no caso do Humberto Thiago foi a recusa da família de que eu fosse até a residência deles para entrevistá-los. Na época, em 2018, a situação ainda estava muito recente e eles diziam ter medo. Em 2020, quando estava escrevendo o TCC, voltei a procurar a família, mas dessa vez o argumento foi que eles não queriam “desenterrar” esse assunto. Procurei a família por meio de ligação telefônica para uma irmã de Humberto. Assim como na história dos irmãos Aleixo, os sistemas de consulta processual foram fundamentais para contar essas histórias. No sistema de consulta processual do Ministério Público de Alagoas (MP/AL) consegui um vasto material de denúncias e depoimentos.

O último elemento de história presente na reportagem é a do grupo de policiais militares acusados de matar Humberto Thiago. Eu cheguei até essa história após ter um primo assassinado e desconfiar que ele foi morto por policiais. Após a morte do meu primo eu passei a olhar a temática da letalidade policial com outros olhos. A partir daí foi que eu selecionei a história de Humberto Thiago. Em junho de 2018 eu denunciei ao MP/AL que, possivelmente, um grupo de extermínio estava atuando na cidade. Nesse dia conversei pessoalmente com o promotor de Justiça, Magno Alexandre, que à época era responsável pela promotoria do Controle Externo da Atividade Policial.

A partir da denúncia e de outras investigações que, coincidentemente, já corriam no MP/AL o grupo foi preso. Tentei entrevistar os promotores que atuam no caso, mas eles disseram que não podiam falar em razão da tramitação sigilosa do processo. Fiz contato via assessoria de imprensa do Ministério Público por ligação e mensagens. Assim como em outros momentos, novamente os sistemas de consulta processual foram importantes. Lá encontrei um termo de delação premiada que envolvia tanto a histórias dos policiais militares quanto de Humberto Thiago. Todos esses elementos ajudaram a preencher espaços importantes nas narrativas.

Portanto, o modo de contar as histórias na reportagem segue um padrão. Elas são narradas a partir dos relatos que foram dados aos órgãos oficiais. Portanto, nada do que está escrito é a palavra de alguém contra outrem, são depoimentos contados em processos, inquéritos ou relatórios oficiais. Segui por esse caminho porque julguei mais oportuno para a reportagem como um todo, tendo em vista que é um texto onde os dados, histórias e a análise se completam sem que um seja mais importante que o outro necessariamente.

5.1.3 Entrevistas com especialista e fontes oficiais

A última parte da reportagem foi a entrevista com um especialista sobre o tema e ouvir a Secretaria de Estado da Segurança Pública de Alagoas (SSP-AL). Conforme sugestão do meu orientador, ouvi um sociólogo para que ele fizesse uma análise sobre o tema. A entrevista foi feita por Whatsapp. Enviei para o especialista uma série de perguntas que questionavam como esse fenômeno da letalidade policial pode ser explicado à luz da sociologia e como poderia ser resolvido. As respostas trouxeram explicações embasadas que podem ajudar o leitor a formar uma opinião a respeito do tema. Essa parte da reportagem foi tranquila porque o entrevistado estava bastante solícito. A entrevista não foi realizada presencialmente porque quando ocorreu estávamos em um momento delicado da pandemia de Covid-19. Encontrar pessoas que não estavam no mesmo grupo de convívio diário significava contrair ou transmitir o novo coronavírus.

Em relação à SSP-AL, entrei em contato via assessoria de imprensa. Por ligação telefônica eu informei à assessora da pasta que gostaria de entrevistar o secretário ou alguém por ele designado, para tratar do assunto. Informei que gostaria de fazer uma entrevista. A assessoria informou que não era possível realizar a entrevista de forma presencial e pediu que eu mandasse um e-mail com os questionamentos. Assim o fiz. Questionei qual o posicionamento da SSP para cada um dos casos tratados na reportagem, e como o órgão trabalha para reduzir as mortes causadas por intervenção policial.

Mesmo com perguntas abrangentes e que possibilitavam a abordagem ampla do assunto, as respostas dadas pela SSP-AL foram duas frases curtas e genéricas. Em respeito ao leitor, deixei isso claro na reportagem e coloquei as respostas do órgão na íntegra na reportagem. Nessa parte do texto também cito o que perguntei à secretaria para que o leitor entenda que foi opção do órgão responder daquela forma.

5.2 Construção do hotsite

Passado o momento de construção e aprovação do texto da reportagem, comecei a trabalhar na plataforma em que ela estaria e como abordar os recursos multimídias para melhorar a experiência do leitor. A primeira escolha a ser feita foi a plataforma em si. Escolhi o wix por já ter experiência com ele, tendo em vista que já havia construído, junto com colegas de turma, uma reportagem multimídia para a disciplina de oficina de tecnologias contemporâneas. Além disso, o wix é uma ferramenta gratuita, de fácil manuseio e com várias opções para inserção de conteúdo multimídia.

O hotsite foi construído para que atenda tanto o público que vai acessar via computador quanto o que vai acessar via mobile. Por este motivo ele é um site de página única, ou seja, não tem elementos de clique que levem para novas guias de navegação. Escolhi dessa forma porque quando são várias páginas o leitor pode se perder entre as várias guias abertas. Como o site é de página única ele se torna linear, ou seja, o leitor vai sendo conduzido durante a reportagem. Claro que ele pode seguir por outro caminho e esta possibilidade é garantida através do menu.

No menu do site estão os três elementos da tríade que norteia o trabalho. Esse é um espaço de escolha, a partir dele o leitor pode decidir o que quer ver primeiro, ou ele escolhe se vai seguir a ordem proposta na reportagem. O menu está na página home do site, que é composta ainda pelo título do trabalho e pela imagem de fundo. O título da reportagem traz de cara o assunto que ela aborda, e o subtítulo evidencia o problema em torno desse assunto.

A imagem escolhida para abrir a matéria, assim como todas as outras, são cortesias dos autores, elas são elementos multimídia importantes porque reforçam no imaginário das pessoas o que está narrado no texto. Elas cumprem uma missão importante de imersão do leitor, que é tão importante nesse tipo de reportagem. A imagem de capa da página inicial do site mostra policiais ensacando o corpo de alguém que morreu em dito confronto com a polícia. Ela reforça um dos elementos destas narrativas que é o socorro destas pessoas a estabelecimentos de saúde.

Como o site é de página única, ele usa âncoras, que são elementos do wix que possibilitam ao criador do site separar os assuntos e levar esses assuntos ao menu. Logo abaixo da página inicial abro a reportagem com um texto de contextualização do tema e do período que vou abordar na matéria e os questionamentos que são feitos nela. Outro elemento presente logo no início do site é um player de áudio com a narração de todo o texto da reportagem. Além de ser mais um elemento multimídia é um elemento de inclusão.

Logo abaixo desse texto introdutório começo com a imagem da mala da viatura em que um suspeito de morrer em confronto com a polícia foi transportado ao hospital. Escolhi essa imagem por considerar ela forte, faz com que o leitor possa avaliar a condição em que aquela pessoa estava. A história do dono de todo aquele sangue é contada logo abaixo, mas é também uma parte introdutória que leva aos dados. Essa escolha de abrir a narrativas com uma imagem eu fiz para que o leitor possa começar o texto já com algo em mente, principalmente os rostos.

Apenas na última parte da tríade, onde estão as respostas, é que uso uma imagem do prédio da Secretaria de Segurança Pública (SSP) para ilustrar. Não usei uma foto do secretário porque as respostas não foram exatamente dele, mas um posicionamento do órgão. No campo da entrevista com o sociólogo não uso imagem. Primeiro para não personalizar esta parte e segundo para não distanciar muito ela da parte acima que é o posicionamento da SSP. Isso porque a fala do sociólogo é como um arremate final do assunto.

O primeiro elemento apresentado ao leitor na reportagem são os dados. Decidi começar com eles para mostrar uma realidade que está comprovada, que não é especulação. Para apresentá-los ao leitor decidi recorrer ao recurso da infografia, porque permite que o leitor tenha dimensão dos números. Para construir o infográfico que está na reportagem eu usei o site infogram.com que possibilita que qualquer pessoa crie um infográfico de forma gratuita. O infográfico usado no site tem dois elementos. O primeiro é um gráfico em colunas que mostra o total de homicídios em cada ano pesquisado e dentro desta coluna a quantidade representada pelas mortes em decorrência de intervenção policial. Isso faz com que o leitor veja o quanto essas mortes representam no todo.

Além disso, essa estética faz com que o leitor também perceba a tese trabalhada, de que enquanto os homicídios reduzem, as mortes por intervenção policial aumentassem. Em todos os gráficos é possível ver os números absolutos ao passar o cursor em cima. A outra parte do gráfico mostra a quantidade de pessoas mortas pela polícia a cada 100 homicídios. Esse é um recurso interessante porque o leitor pode ver, ano a ano, como foi aumentando a participação das forças de segurança no número de homicídios.

Logo após os dados é que começo a contar a história de pessoas que fazem parte daqueles números. É onde começo a segunda parte da tríade, dar rosto aos números. Todos os tópicos da reportagem contam com título e subtítulo, que é um resumo do que o leitor vai encontrar naquela história. É um elemento de síntese que ao mesmo tempo convida-o a enveredar pelo texto. Nas duas primeiras histórias estão presentes fotos dos rostos das vítimas, para que o leitor veja quem eram elas. No caso dos irmãos Aleixo também me faço valer de um vídeo do tio dos meninos em que ele externa a dor que estava sentido, a revolta.

O vídeo é importante porque o leitor pode perceber o estado dos personagens, a voz, as expressões. No caso específico do bonde dos tenentes não consegui uma única imagem desses militares. Nenhuma entrevista dada por eles.

Contudo, durante o trabalho algo foi de extrema importância para desenvolver o tema e resolvi usar como elemento multimídia no hotsite como hiperlink: os sistemas da Justiça. No final de todas as histórias o leitor pode clicar e ser direcionado para o sistema do Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ-AL), especificamente no processo relativo àquela história, e acompanhar toda a movimentação. Essa imersão é muito importante porque faz com que o leitor veja como aquele caso anda, e pode fazer dele também um agente fiscalizador.

Outro sistema importante é o de consulta de processo do Ministério Público de Alagoas (MP/AL). Uma parte da reportagem foi feita usando apenas os arquivos extraídos de lá. A delação citada na reportagem está disponível na íntegra nesse ambiente virtual e é disponibilizada, também como hiperlink, no fim desse trecho na reportagem. O documento é rico em detalhes e confissão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findado este trabalho, consigo obter conclusões que julgo importantes em algumas frentes. Acredito que foram gerados debates importantes acerca do jornalismo como um todo e das suas vertentes como o jornalismo policial, de dados e o webjornalismo. Há também uma reflexão importante sobre a função social do jornalismo e do jornalista.

Em relação ao jornalismo em sua totalidade, acredito que fica evidente a necessidade de pautar temas que gerem debate na sociedade. O tema aqui trazido e trabalhado reforça a importância das boas práticas do jornalismo, como o ouvir os dois lados da história, questionar e duvidar do que está posto, investigar. Entendo que estas práticas devem nortear todo o trabalho jornalístico. Dentro as vertentes do jornalismo que pratico neste trabalho está o jornalismo policial. Concluo que este campo está, na maioria das vezes, maculado por uma má prática do jornalismo. A mera reprodução de ocorrências policiais torna jornalistas e o próprio jornalista meros porta-vozes de um lado, o lado oficial. Tal situação traz danos terríveis à sociedade, pois reforça estereótipos e incentiva sentimentos indesejáveis. Portanto, urge a necessidade de um jornalismo policial que ofereça ao leitor a totalidade do fato e lhe permita tirar suas conclusões. O jornalismo de dados foi outro elemento que norteou este trabalho. Ainda pouco utilizado em sua amplitude, essa vertente se mostra de grande valia para o exercício do jornalismo. A máxima de que os números são irrefutáveis enriquece as teses postas nas reportagens, pois referenda um assunto, como foi no caso da reportagem deste trabalho. Aliado a tudo isso está o webjornalismo, que se mostra como terreno fértil para o desenvolvimento de todas estas boas práticas com ferramentas tão importantes. O hiperlinks colocados neste trabalho conseguem proporcionar uma experiência ímpar de imersão do leitor, os vídeos transportam para o momento. O webjornalismo consegue expandir ainda mais a possibilidade do fazer jornalístico.

Por fim, mas não menos importante, está a função social do jornalismo e do jornalista. Todas as possibilidades e características levantadas acima só terão sentido se o jornalista tiver ciência da sua função social. A pauta deste trabalho só foi possível após uma experiência pessoal do próprio repórter. É importante que o jornalista se enxergue como um agente de transformação da sociedade, levantando os assuntos que precisam ser debatidos.

6. REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre o jornalismo na web**. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo. *Jornalismo Online*. Covilhã: Universidade Beira Interior, 2003.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. Rio de Janeiro: Contexto, 2002.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário brasileiro de segurança pública. Edição X-XIII**. São Paulo, 2016-2019.

LONGHI, Raquel Ritter. **O turning point da grande reportagem multimídia**. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, volume 21, número 3, páginas 897-917, 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. *Brazilian Journalism Research*, volume 11, número 1, páginas 110-127, 2015.

PACHECO. Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Último acesso em: 30 de setembro, 2020.

OLIVEIRA, Laura Márcia Magalhães de; SEIXAS, Lia. **A Reportagem Enquanto Gênero Jornalístico**. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, p. 1-15, 6 set. 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0810-1.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.